

**AS COTOVIAS COM POUPA
NA TRADIÇÃO POPULAR DA BEIRA BAIXA**

**Crested larks in the Beira Baixa
popular tradition**

Helder Costa



Vila Velha de Ródão, 2013

AS COTOVIAS COM POUPA NA TRADIÇÃO POPULAR DA BEIRA BAIXA¹

Crested larks in the Beira Baixa popular tradition

Helder Costa²

¹ Legenda da figura da capa: Cotovia-escura *Galerida theklae*. Autor: Helder Costa.

² É observador de aves há perto de 30 anos e participa activamente em vários projectos de campo. É autor ou co-autor de 14 livros e de mais de 70 artigos de carácter técnico e de divulgação sobre ornitologia. É sócio fundador da SPEA-Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, tendo feito parte da sua Direcção entre 1993 e 2006 período durante o qual exerceu várias funções, entre as quais a de Presidente (entre 1999 e 2006). *He's a birdwatcher for nearly 30 years and he is actively involved in several field projects. He's author or co-author of 12 books and more than 70 papers about ornithology. He's a founder member of SPEA-Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (The Portuguese Society for the Study of Birds) of which he was a board member between 1993 and 2006 during which time he had several functions including president of the board (1999-2006).*

Palavras-chave:

Cotovia-de-poupa, Cotovia-escura, Beira Baixa, tradição popular

Key words:

Crested Lark, Thekla Lark, Beira Baixa, popular tradition

Resumo

A cotovia-de-poupa e a cotovia-escura são aves passeriformes comuns na Beira Baixa. Este facto, associado à sua ecologia e comportamento, levou a que fossem incluídas como protagonistas nalgumas histórias e lendas populares. Exemplos disso são apresentados neste pequeno texto.

Summary

The Crested and Thekla larks are common passerines in Beira Baixa province. This fact, in association with its ecology and behavior has led to their inclusion in some regional traditional stories and legends examples of which are provided in this small text.

As cotovias são pequenos pássaros de plumagem discreta, canto variado e melodioso. A maior parte delas tem hábitos terrícolas e muitas aparecem associadas a terrenos abertos. Das sete espécies que ocorrem regularmente em Portugal Continental, há duas que ostentam uma notória poupa: a cotovia-escura *Galerida theklae* e a cotovia-de-poupa *Galerida cristata*. Ambas são residentes, relativamente comuns e possuem uma distribuição alargada (que muitas vezes se sobrepõe e que se estende sobretudo pela metade sul do país e ao longo do interior norte e centro) (Equipa Atlas 2008).

A cotovia-escura tende a favorecer terrenos secos, acidentados e com solos pobres ocupados com matos, pousios ou utilizados para agricultura pouco intensiva ao passo que a cotovia-de-poupa tende a frequentar terrenos mais planos e humanizados por vezes com alguma utilização agrícola.

Em termos morfológicos e de coloração estas são duas espécies extremamente parecidas o que torna a sua identificação um pouco difícil mesmo para observadores de aves com alguma experiência. Não admira assim que as pessoas do campo não as distingam e as designem apenas pelo nome genérico «cotovia», de origem onomatopaica e inspirado nos característicos chamamentos que ambas as espécies emitem (Nogueira 1948, Louro 1951).

A situação destas espécies na Beira Baixa não difere muito da que se conhece para o resto do país e o facto de serem sedentárias, comuns e familiares levou a que fossem por vezes associadas a algumas histórias e lendas.

Na tradição popular da região estas aves apareciam por vezes como intervenientes na lenda da fuga da sagrada família para o Egipto para salvar o menino Jesus da matança de recém-nascidos decretada por Herodes ao saber do nascimento de uma criança que se dizia poder vir a ser o rei dos judeus. Esta história de inspiração bíblica era, aliás, bastante difundida em várias regiões do país e dela existiam diversas versões. No caso da Beira Baixa a cotovia aparecia nalgumas delas a ajudar a sagrada família, apagando as pegadas deixadas pela burrinha que a acompanhava, ao mesmo tempo que ia dizendo «não vi... não vi...», para assim tentar despistar os perseguidores (Dias 1926, Monteiro 1940-41). Por esse motivo, teriam sido estas cotovias abençoadas por Nossa Senhora.

Não surpreende pois que nalguns sítios estas aves fossem consideradas quase como sagradas. Por exemplo, em Idanha-a-Nova, e provavelmente noutras localidades, acreditava-se que não se devia matar as cotovias porque eram as «pitinhas-de-nossa-senhora» (Dias 1926). É possível que a associação destas cotovias à lenda da fuga para o Egipto e o papel que nela desempenham (apagar pegadas) tenha decorrido do facto de andarem frequentemente pelo solo, muitas vezes em caminhos e estradas de terra batida, raramente pousando em árvores. Curiosa é também a inclusão do «não vi...», que constitui uma clara alusão aos chamamentos destas espécies.

A cotovia (presumivelmente uma destas espécies) aparecia também como personagem principal de um conto popular no qual a pequena ave consegue evitar ser enganada pela astuta raposa. Esta história, bastante difundida de norte a sul do país, conta com uma versão recolhida em Monsanto por Buescu (1958), que se transcreve de seguida:

«A cotovia e a raposa combinaram fazer uma fanegada³ a meias. Mas a cotovia todos os dias ia chamar a raposa para irem arranjar a fanegada. Mas ela dizia-lhe:

- Olha vai lá andando, que eu cá vou calçando a sapateta e arrançando a merandeta e quando tu fores já lá eu estou.

Nunca trabalhou nada porque nunca chegou a aparecer. Quando foram malhar o pão⁴, a cotovia tornou a ir chamá-la e ela tornou a dizer o mesmo. No dia em que já tinham o pão limpo, apareceu para o partirem. A comadre cotovia enterrou um cão no monte do pão que já estava limpo e disse-lhe:

- Tira lá o meio alqueire que ali está enterrado para medirmos o pão.

Ela assim fez e puxou pelo rabo do cão e ele pôs-se a correr atrás dela e o pão ficou para a cotovia que é quem tinha trabalhado.»

Agradecimentos

Ricardo Tomé leu uma primeira versão deste texto e os seus comentários e sugestões pertinentes contribuíram bastante para o melhorar.

³ Antiga medida agrária de superfície (castelhanismo).

⁴ Trigo.

Referências

Buescu, M.L. 1958. *Monsanto Etnografia e Linguagem*. Editorial Presença, Lisboa (edição de 1984).

Dias, J.L. 1926. *Etnografia da Beira, Lendas, Costumes, Crenças e Superstições*, vol. I. (versão facsimilada da 2ª edição de 1944 mandada publicar pela Câmara Municipal de Idanha-a-Nova).

Equipa Atlas 2008. *Atlas das Aves Nidificantes em Portugal (1999-2005)*. Instituto da Conservação da Natureza, Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, Parque Natural da Madeira e Secretaria Regional do Ambiente e do Mar. Assírio & Alvim, Lisboa.

Louro, J.I. 1951. Alguns nomes de aves de origem onomatopeica. *Boletim de Filologia*, tomo XII: 184-191.

Monteiro, A.-R. 1940-41. Onomatopeias da Cova da Beira. *Revista Lusitana* XXXVIII: 127-142.

Nogueira, R. S. 1948. Contribuição para o estudo das onomatopeias. *Boletim de Filologia*, tomo IX: 1-53.